



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

A trajetória acadêmica de uma pessoa com deficiência visual adquirida: da Educação Básica ao Ensino Superior

Rayane Pereira do Nascimento - ProPEd/Uerj

Mariana Farinha Lasmar - ProPEd/Uerj/Bolsista CNPq

Flávia Barbosa da Silva Dutra - ProPEd/Uerj



Resumo

Quando pensamos em pessoas com deficiência as barreiras presentes na impostas a uma educação podem iniciar já no ato da matrícula ou podem ser vivenciadas de outras maneiras, como a não adequação de uma aula a sua necessidade educacional. Sendo assim, o presente trabalho objetiva apresentar a trajetória de uma pessoa com deficiência visual em seu percurso acadêmico. O trabalho possui abordagem qualitativa, sendo do tipo pesquisa narrativa, no qual o instrumento de coleta de dados foi realizado através de uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados se deu pela organização dos fatos em ordem cronológica e a partir desta, pudemos verificar que o participante enfrentou a falta de acessibilidade tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Concluímos que em ambos os níveis de ensino as barreiras atitudinais e metodológicas estiveram presentes na trajetória acadêmica do estudante. Contudo, a rede de apoio foi fundamental para que outras barreiras não surgissem.

Palavras Chaves: Educação Básica; Ensino Superior; Educação Inclusiva.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

INTRODUÇÃO

No Brasil temos dois níveis de Ensino: a Educação Básica (EB) e o Ensino Superior (ES). A EB é obrigatória a todos os cidadãos brasileiros, sendo composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Deste modo, pessoas com deficiência (PcD) têm o direito de acessarem o sistema educacional.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a PcD é aquela que possui algum tipo de impedimento de ordem física, intelectual, visual ou auditiva, “no qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Brasil, 2015, cap. I, art. 2). A deficiência visual é aquela que “consiste na perda total ou parcial da visão, congênita ou adquirida [...]. Pode ser classificada como cegueira ou baixa visão” (Inep, 2020, p. 7).

Isso posto, para mostrar tanto as dificuldades, como os apoios encontrados nos diferentes níveis de ensino, este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória de uma pessoa com deficiência visual em seu percurso educacional.

METODOLOGIA

Este é um trabalho de abordagem qualitativa, no qual utilizamos a pesquisa narrativa como método de estudo. Segundo Creswell (2007, p. 32) a pesquisa narrativa é “uma forma de investigação na qual o pesquisador [...] pede a uma ou mais pessoas para contar histórias sobre sua vida. Essas informações, então, são recontadas e recriadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa”.

A coleta de dados utilizada foi uma entrevista semiestruturada, na qual as perguntas foram elaboradas previamente em forma de roteiro. Para análise utilizamos a organização cronológica dos dados (Gil, 2017).



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS/TEMPOS EDUCATIVOS

O participante desta pesquisa tem deficiência visual, mora na cidade do Rio de Janeiro, possui 23 anos, cursou a EB em colégio privado e é recém graduado em jornalismo em uma universidade particular.

É importante ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e autorizada pelo participante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fred¹, o entrevistado desta pesquisa, nos relatou no início da conversa que enfrentou questões de saúde na infância, que ocasionaram em sua deficiência.

Quando foi por volta de 2010, 2011[...]eu fiz inúmeras cirurgias [...]. E em uma dessas cirurgias [...] passei a ficar com baixa visão (Fred, 2024).

A respeito da EB, Fred nos contou que enquanto uma pessoa com deficiência visual passou a necessitar de um mediador.

[...] me ajudou absurdamente no colégio, no ensino médio, enfim, que foi quem ficou o resto da minha caminhada na escola me auxiliando (Fred, 2024).

Fred contou que teve ajuda no percurso escolar, no entanto como toda PcD, não passou intacto às barreiras impostas e pela desconfiança sobre suas necessidades específicas, tendo que provar que realmente precisava de adequações.

[...] professores não compreendiam direito a minha deficiência, de materiais que não eram adaptados. Colegas de turma que no início não acreditavam muito na minha deficiência, enfim, mas em geral, eu tive muita ajuda assim, sabe? Eu tive mais ajuda do que problemas [...], mas tive alguns problemas sim! (Fred, 2024).

Sasaki (2019) descreve que existem sete barreiras que podem ser enfrentadas por uma PcD. Pelo relato de Fred, ao menos duas delas ele vivenciou, a barreira metodológica e

¹ Nome fictício utilizado no intuito de manter o anonimato do participante.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

atitudinal. A barreira metodológica foi sofrida quando os docentes não realizavam a adequação de materiais necessária para seu aprendizado e a barreira atitudinal foi experimentada quando os companheiros de turma suspeitavam de sua deficiência e também pela postura de abstenção dos professores.

A rede de apoio é poder contar com pessoas ou instituições que dão a assistência necessária a um indivíduo, seja de ordem emocional, profissional ou educacional. Fred contou com esse auxílio na esfera escolar.

[...] tive um grupo de amigos que me ajudaram bastante. Tive uma orientadora da escola também que me ajudou muito e alguns professores (Fred, 2024).

Segundo Pizzinato *et. al* (2018, p. 146) a rede de apoio “[...] pode ser entendida como conjunto de relações significativas de cada pessoa [...]”, sendo importante se atentar que essa pode variar, não sendo a mesma por toda a vida, até porque a existência humana tem suas fases.

Posteriormente a isso, perguntamos sobre sua próxima experiência acadêmica: a trajetória universitária. Inicialmente, Fred nos expôs que a faculdade possuía um setor de acessibilidade para PcD, no qual ele contactou logo em seu ingresso ao curso.

Então, [...] a gente chegou lá na sala do núcleo, aí veio a coordenadora me entrevistar, perguntou qual era a minha dificuldade, qual era a minha deficiência, a gente até comentou como é que era o esquema que tinha de apoio na escola e tal. Aí assim foi aquelas mil maravilhas né. “Ah não, que nós vamos tentar ao máximo te ajudar”[...] E na verdade não foi assim (Fred, 2024).

Como ele citou, apesar de existir um setor de acessibilidade que faria a comunicação entre estudante e professor, isso não aconteceu. Outro processo relatado no seu ingresso foi a socialização com colegas, que posteriormente fizeram parte de sua rede de apoio universitária.

Então a gente começou a conversar e tal e aí a gente começou a falar, vamos dizer assim, das características pessoais e tal, e aí eu comentei que eu tinha essa, essa...minha deficiência e tal e aí eles até começaram a se interessar



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

um pouco mais sobre o assunto devido a conviver comigo, entendeu? (Fred, 2024).

Para Sluzki (1997), as relações significativas de apoio não estão limitadas apenas ao núcleo familiar e/ou suas extensões, mas, também, às diversas conexões interpessoais do sujeito. É importante destacar que esse grupo de amigos de Fred deixou de lado todo e qualquer tipo de preconceito e, principalmente, estigmas que podem atrapalhar essas relações entre os diferentes tipos de grupos sociais.

Fred também destacou a mãe enquanto rede de apoio para a manutenção da permanência na graduação.

[...] a minha mãe ficava na biblioteca da faculdade e como eu não enxergava muito bem, eles [amigos] sempre me ajudavam depois da aula ir para a biblioteca para encontrar com a minha mãe [...] (Fred, 2024).

Por um lado, a relação familiar pode ser um agente facilitador, mas por outro podem ter ações impeditivas para o relacionamento social (Glat, 1996). Além disso, destacamos que o maior objetivo da inclusão é a participação efetiva e autônoma.

Durante a sua rotina na faculdade, Fred enfrentou também algumas barreiras que vivenciou durante este processo.

Toda a primeira aula com o professor novo, eu tinha que ir lá me apresentar para dizer minhas condições, porque os professores não sabiam de nada (Fred, 2024).

Assim como na EB, a barreira atitudinal também se mostrou presente no ES. Para Sasaki (2019) a acessibilidade atitudinal é considerada a “mãe” das outras seis, e na falta dela a comunicação entre os setores de acessibilidade, professores e estudantes fica deficitária, podendo prejudicar no pleno desenvolvimento acadêmico da PcD.

No entanto, Fred nos relatou que alguns docentes realizavam adaptações nos conteúdos e materiais utilizados em aula. Entretanto, muitas vezes a adaptação ainda dependia do próprio estudante:



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Eu levava o meu celular e usava a câmera do celular para tirar foto, para ampliar os conteúdos que os professores estavam dando (Fred 2024).

Para além da acessibilidade atitudinal, os docentes de Fred que não fizeram as adequações e adaptações necessárias de acordo com sua individualidade, poderiam ter pensado em estratégias em conjunto com ele.

Ao término da graduação no momento da escrita final, Fred não encontrou barreiras, já que sua orientadora o auxiliou no processo.

[...]foi uma pessoa que, assim, se esforçou extremamente. Todo final de aula, ela pedia um feedback do que ela podia melhorar, o que estava bom para... pra, né, me ajudar nas aulas (Fred, 2024).

A atitude da docente reforça que o processo de inclusão não é unilateral, no qual as trocas permitem que as aprendizagens sejam mútuas. Mostrando que o melhor caminho em momentos de dúvidas é perguntar, essa atitude fez a diferença, uma vez que ninguém melhor do que a própria PcD para saber o que é melhor para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos verificar a partir do relato do participante, que em ambos os níveis de ensino as barreiras atitudinais e metodológicas estiveram presentes em sua trajetória acadêmica. Contudo, a rede de apoio foi fundamental para que outras barreiras não surgissem, esse suporte auxilia nesse processo, porém é necessário que este não impacte o processo de autonomia do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm - Acesso em: 10 mai. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Glossário da educação especial: Censo Escolar 2020** [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Inep, 2020. Disponível em:



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/caderno_de_instrucoes/Glossario_da_Educacao_Especial_Censo_Escolar_2020.pdf - Acesso em: 23 mar. 23.

CRESWEEL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. *E-book*.

GLAT, Rosana. O papel da família na integração do portador de deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 4, s.n, p. 111-118, jan. 1996. Disponível em: <https://abpee.net/pdf/artigos/art-4-9.pdf> - Acesso em: 10 mai. 2024.

PIZZINATO, Adolfo et al. Análise da rede de apoio e do apoio social na percepção de usuários e profissionais da proteção social básica. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 145–156, jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n2/a06v23n2.pdf> - Acesso em: 5 mai.2024

SASSAKI, Romeu Kazumi. **As Sete Dimensões da Acessibilidade**. 1. ed. Araraquara: Larvatus Prodeo Editora, 2019.

SERRA, Dayse. Educação inclusiva em tempos de judicialização do estado: o cotidiano das escolas com a lei brasileira de inclusão - nº 13.146/2015. **Polêm!Ca**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 27-35, 2017. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/28294>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SLUZKI, C. E. **A Rede Social na Prática Sistêmica**: Alternativas Terapêuticas. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 1997.